

DE LOUO PEDRA RIBO?

VIRTUOSA VIDA,
E
SANCTA MORTE
DA
PRINCESA
DONA IOANNA:
REFLEXOES
MORAES, E POLITICAS
SOBRE SUA
VIDA, E MORTE

DEDICADAS
AO CONDE DE VILLAR MAIOR
Do Conselho de S. A.
Seu Gentil-homem da Camera,
E
Veador da Fazenda.

POR
D. FERNANDO CORREADE LA CERDA
Indigno Bispo do Porto.

LISBOA. Com as licenças necessarias.

Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello
Impressor da Casa Real. Anno 1674.

A custa de Miguel Manescal, Mercador de Livros de S. A.



Handwritten signature and red number 7889.

Sala	CE
Est.	10
Tab.	6
N.º	22

Handwritten mark or signature.

VIRI VOS A VIDA

SANCTA MORTE

BRITANNIA

DOMINIONA

RELEXOR

NOBIS POLITICA

CONSTITUT

IN VESTRO

EDUCADAS

NO COMPTER VILIA MAIOR

DE CONSTITUTIS

DE OMNI HONORIS CURIA

Vobis etiam

FOR

DEBENT VOS CORRUMPTIBUS

RELEXOR

DE OMNI HONORIS CURIA

DEBENT VOS CORRUMPTIBUS

DE OMNI HONORIS CURIA

DE OMNI HONORIS CURIA

DEDICATORIA.



ESCREVENDO por devção a vida da Princesa Dona Ioanna, a offereço a V. S. por voto, porque se esta escriptura for digna da vida da memoria, & escapar da morte do esquecimento, V. S. fes o milagre, sendo Real o assumpto, não he indigno o offerecimento, como a obra não tira o preço á materia, offereço a V. S. a materia, porque sei que não he de algum preço a obra, & de nenhum modo pôde V. S. deixar de aceitar esta, porque tendo V. S. quasi exausta a lição dos livros, fassse benemerito do patrocínio de V. S. quem lhê dá occasião para frequentar a curiosidade, & ainda que este livro não seja digno da de V. S. pois se ha nelle que aprender, V. S. o sabe, se o não ha, não he digno de que V. S. o veja; neste acontecimento o reverente culto com que o offereço poderá ser digno decoro, para que V. S. o aceite; & eu por força hei de pedir a atenção de V. S. ainda que seja a do ocio; porque qualquer me será muito util; não pôde haver atenção de V. S. que não seja patrocínio meu, & ainda aplauso; porque he certo, que V. S. aprova o que atende; & o que tem approvação de V. S. isento fica de toda a calumnia; ninguem dirá que he mau, o q V. S. approvou por bom, pois V. S. seguindo os dictames da razão justa, & os

dogmas da sagrada doutrina, nunca disse, que o bom era mau, nem mau o bom: fazendo justiça a todos, sempre foi livremente catholica a sua censura.

Larga occasião se offerencia para falar nas virtudes de V. S. Eu o fizera largamente, sem scrupulo de lisonja, se não temera a austeridade de sua modestia; & V. S. não buscara industria para as deixar na minha ignorancia: doutrina foi do maior Mestre, fazer milagres, & impor segredos: V. S. obra maravilhas, & procura ignorancias, & sem o perigo do desvanecimento evita a devulgação da sua fama: não detraindo a ninguem, porque tudo louvavel louva, só assi se detrahe, porque o não aplaudão: exarando Germanico as inscrições, do q̄ debaixo de seus auspicios obrarão as Legiões Romanas, nada escreveu das proprias proezas; V. S. a quem lhe devia fazer altos Elogios, occulta suas acções heroicas, mas impossivel será ficar occultamente na taciturnidade do silencio, o que tão altamente soa na locacidade da fama; porque sem deligencia de V. S. he tão geral o seu aplauso, que por força, como Germanico, ha V. S. de gosar do seu renome; como a fama vaga mais que a pessoa, adonde se não conhece a pessoa, ha V. S. de ouvir a sua fama, & este he o verdadeiro credito; porque só he irrefragavel testemunho aquelle que não tem algum perigo de falso; mas certo he, que para V. S. todos são maiores de toda a exceição, porque V. S. he maior que toda a lisonja, & ninguem as

dirá

dirà a V. S. porque sabe que V. S. as aborrece, & se al-
guem se enganasse, procurando a benevolencia, encontra-
ria o desagrado sem o livrar a amisade, porque a de V. S.
naõ he privilegio para algum vicio; antes o mesmo he sa-
ber se este, que perder se aquella; aborrecendo V. S. catho-
licamente o defeito, sem se crimirar malignamente a pes-
soa.

O geral conhecimento das excelentes virtudes de V.
S. o fazem digno dos grandes lugares que tem occupado,
o procedimento que tem nos que occupa o estaõ fazendo
com que o solicitem os maiores: là disse Plinio, que se naõ
via, se os homẽs mereciaõ as honras, se naõ depois que as
alcançavãõ, V. S. sempre pareceo digno das grandes occu-
pações; nas grandes mostra, que he dignissimo das maio-
res: digão na Campanha, as de Arronches, Ieromenha,
& Evora, adonde se vio tão intrèpido o valor de V. S.
que na promptidãõ com que V. S. se expes aos riscos, mos-
trou que entendia, que sò o arriscar, era servir, & por
servir a República com a sua pessoa, se arriscou a des-
servilla no seu perigo; porque na vida de V. S. tem ella
hum dos mais vitaes spiritos, que politicamente a alen-
tãõ, & heroicamente a animãõ.

Na Guerra, & na Pax, contra o que sentio Tacito,
mostrou V. S. genio militar, & politico, & em bũa, & cu-
tra parte valor politico, & militar; que importara ser ven-
cedor nos exercitos, & sabir vencido nos Tribunaes? só
da

da rasão he V.S. vencido, & nesta victoria da rasão está o triumpho da justiça; qual seja a de V.S. podem diser as acções que V.S. obrou, sendo Regedor da Casa da Suplicação, & obra sendo Veador da Fazenda, & em huã, & outra occupação procede V.S. & procedeo, como quem entende, que o que se detremina naquelles Tribunaes da terra, se ha de julgar no Tribunal do Ceo, com o que tendo a Deos diante dos olhos, não vê mais que a rasão, como succede a quem poem os olhos em Deos: o temor Divino lhe dá sciencia para julgar sem respeito algum humano; o temor que tem a Deos lhe fas não perder o respeito aos homês, nem tambem julgar por seu respeito: como offender a Deos por respeitar os homês, he venerar os homês sem respeitar a Deos, V.S. venerando a Deos, & não desprezando os homês, vota sem respeito, & com decoro, com que os votos vem tambem a ser sacrificios.

Julgando os grandes, como os pequenos, se constitue superior Ministro, não provindo a superioridade da grandeza do lugar, mas da excelencia da rectidão, guardando V.S. os Divinos dogmas, todas as suas determinações são justas, nem a sua liberdade offende, nem o seu obsequio prejudica, como a liberdade he só isenção, & não calumnia, como o obsequio he só decoro, & não respeito, nem a liberdade contem offensa, nem o respeito prejuizo; com o que não faltando V.S. com o decoro, a quem elle se deve, não tira o que se deve por respeito.

Dando

Dando V. S. desta sorte a cada hum o que he seu, só o que he seu, poem em duvida, se o he ; não podia chegar a mais o desentereffe humano, que pór V. S. em litigio o proprio, para que se determine que he alheo, buscando o despojo da propria fazenda, para que cresça o Erario da fazenda publica: ja V. S. no officio de Regedor tinha repartido as utilidades do officio, applicando aos pobres os emulumentos; agora no Tribunal da Fazenda litiga o receber por arbitrio de poupar, fazendo os despojos de seu officio rendimentos da Republica.

Em nenhum Tribunal fes V. S. que a innocencia fosse culpa, nem a culpa innocencia, & sendo esta quem aclama a V. S. tambem aquella o aplaude ; porque se os louvores do innocente livre são louvores do Iuis recto, os sentimentos do criminoso castigado são aplausos do Iuis justo ; entendendo V. S. quanto convem á Republica, que os delinquentes não fiquem impunidos, procurou expurgar a Republica dos delinquentes, de que seguiu serem elles menos, & ficar ella mais socegada, guardando V. S. tão virtuoso temperamento, entre a justiça, & a clemencia, que tendo aborrecimento ao crime, sempre teve commiseração do criminoso.

Com tanta igualdade, & benevolencia se ha V. S. nos despachos, que os que de outrem forão queixosos, ficão a V. S. agradecidos, & o não conseguirem com V. S. a sua pertença, não he causa de que lhe fiquem com odio : or-
dina-

ordinariamente a natureza humana se escandalisa de tudo o em que a justiça a desagrada, ninguém atribue o castigo á culpa, nem a repulsa a demerito, em não sendo bom o despacho, logo se imputa á má vontade: Com V. S. não succede assi, se elle não he, como se deseja, crece que he, como se devia; se o despacho não he bom, entendese que he bom o animo, & agradece a V. S. a boa vontade, quem lhe não póde agradecer a boa obra.

Condições houve que assi derão os bõs despachos, como se forão perdas suas, assi derão os maos, como se forão grangearias proprias: V. S. quando despacha bem, gosta, como se o despacho lhe fora util; quando não difere, sente, como se o despacho lhe fora prejudicial; assi não tem violencia aos bõs, nem se vinga com os maos, com o que grangea universal aplauso, o que tãbẽ nasce da promptidão com que V. S. dá as audiencias, da urbanidade com que trata as pessoas, do desinteresse com que seba nos negocios, da benignidade com que desensoberbece o poder, da indeferença com que administra a justiça: quem com esta indeferença, com esta benignidade, com este desinteresse, com esta urbanidade, com esta promptidão não alcança o que deseja, cre, que alcança o que póde, & estas virtudes o convencem de que se lhe não fazem injustiças, persuadindo se com V. S. a condição humana que não he sem razão, o que he contra a sua conveniencia.

Para estas virtudes, que em V. S. resplandecem serem
dig-

gloria verdadeira.

A vã gloria não sò he tentação dos filhos do Diabo, tambem he tentação dos servos de Deos; não se livra dos malignos spiritos, quem senão occulta aos humanos louvores: a jaçtancia he vicio da virtude; quem se jaçta do que obra, desvanece o que sacrifica: encobrio Ionathas a David o principio da peleja, por fugir à gloria de dar principio á batalha: em vão se fas tudo, o que se fas com vaidade; para que a virtude nos não desvanecessse, nos injtruio Deos, que nos não vangloriassse; quẽ fas boas obras só para que as veção os homẽs, fas, o que fasiaõ os Fariseos; quem fas boas obras, só para que os proximos se edifiquem, segue a doutrina de Christo; os que as fasem, só para que os louvem, esses são os que as fasem, só para que se veção; os que as fasem, para que edifiquem, esses são os que as fasem, por agradarem a Deos; os primeiros proccuraõ a propria gloria; os segundos a gloria do Senhor; os primeiros a gloria vãã; os segundos a verdadeira gloria hũs querem que os veção a elles, outros que se veção a obras: Christo Senhor nosso mandou, que lusise a lus, não que lusissem os Apostolos, que ella se visse, & que senão vissem elles; porque assi não ficavaõ elles vangloriosos, & ficava seu Eterno Pae glorificado: quem se manifesta quando obra bem quer que Deos o não veja; quem, quando obra bem se occulta, quer que o veja Deos; & não por

reça

veça impossivel, não se ver em os bemfeitores, vendi se as
 boas obras; quando as obras se fizesem por an or do mundo
 manifestaõse os bemfeitores; quando as obras se fizesem
 por amor de Deos, os bemfeitores se occultaõ: na presença
 dos homẽs pôde estar o bemfeitor occulto, obrando por
 amor de Deos; na ausencia dos honẽs pôde estar publi-
 co o bemfeitor, obrando por amor do mundo; a modestia
 faz da publicidade mysterio, a vangloria faz do segredo
 revelaçãõ: esta doutrina de occultar as obras boas, parece
 que he contra a utilidade dos proximos, porque os priva
 dos bõs exemplos; mas occultar as boas obras, tambem
 pertence á boa doutrina, porque he para evitar o desva-
 necimento; haõse de occultar, porque senaõ perca na van-
 gloria, o que se logra na modestia: haõse de divulgar, por-
 que no silencio senaõ perca, o que se aproveita no exem-
 plo: as pessoas particulares podem occultar as suas obras,
 como Judith fazia, orando no cubiculo occulto: as pessoas
 publicas não as devem occultar, porque he necessario pa-
 recerem santas: dos desertos foraõ os Profetas mandados
 para as Cidades: ha se de pôr o candieiro sobre o modio,
 porque alumie; ha de estar a Cidade sobre o monte, para
 que senaõ esconda: esta obrigação geral das pessoas pu-
 blicas, he mais particular dos Princeses excelsos; como
 ao seu exemplo se compoem o seu Reino, como a sua vida
 he a melhor censura, obrigação he lusirem em raios de
 boas obras, para abunxiarem em resplandores de bõs exẽ-
 plos;

plos; obrigados são a terem todas as virtudes, mas quando as não têm, são obrigados a occultar todos os vícios; senão forem virtuosos intimamente, não sejam publicamente viciosos, assi darão exemplo, & não escandalos; aproveitarão áquelles que os julgão por bõs, & não perverterão áquelles que os havião de imitar sendo maos.

Esta he a primeira ves que achamos escrito que as pessoas Reaes deste Reino fiserão esta piedosa acção á imitação de Christo Senhor nosso, hoje a continuaõ louvavelmente os nosso Reis, & sendo seu o louvor do progresso, a esta Santa Princeza se deve attribuir a gloria do principio; & ainda que ja se entendesse, que não merecem menos gloria os imitadores das grande obras, que os autores dellas, a Princeza nesta mereceu a maior; ella foi a primeira imitadora da acção de Christo Senhor nosso; os mais foram imitadores da sua; ella romou o exêplo do mesmo Senhor; os mais tomaraõ o exemplo della. Christo lhe deu o exemplo, & fes o que Christo fes; aos mais ella lhes deu o exemplo, & fiserão o que Christo tinha feito; sendo menos meritorio seguir a Christo, porque outrem o segue, do que seguir a Christo sò pelo seguir a elle.

Como a charidade he origem de todas as virtudes,

tudes,

tudes, amandose juntamēte o proximo em Deos, & a Deos no proximo, alem das obras charitativas que fazia, remediando as afflicções dos pobres; procurava com todo o cuidado concordar os animos differentes dos seus criados; entre elles fazia observar taõ armoniosa amizade, que mandando hũs, & obedecendo outros, na regularidade do foro de cada hum, cada qual obedecia com tanto gosto, como se mandasse; cada qual mandava com tanta urbanidade, como se obedecesse, naõ sendo os domesticos inimigos hũs dos outros; porque a charidade da Princeza fazia cõ que todos fossem amigos; circumstancia era celestial a do Paço, em que a conformidade era santa.

Sendo rasão que os Paços sejam os lugares mais fora do mundo; os lugares em que mais mundo ha, são os Paços; haver tanto mundo na Corte de Judea, fes com que tantos de seus Reis naõ entrassem na Corte do Ceo; grande bem fora que o mundo se desterrara do Paço, ou o Paço se exterminara do mundo: este desejo parece impossivel, porquẽ persuade que se viva fora da terra dentro da terra; mas he certo, que he possivel; porque dentro da terra, se póde viver fora da terra: quem vive no mundo, como na patria, vive no mundo, dentro do mundo: quem vive no mundo, como em deſterro, vive no mundo, fora do mundo:

do: se S. Paulo vivia elle, ja não elle; bem se pôde viver no mundo, sem o mundo; aquelle que no mundo viver com Christo, aquelle em quem Christo viver no mundo, em si vive, & não em si: se David vivia no Paço, como no Ermo, bem se pôde viver no mundo como no Ceo; quem vive no proprio corpo, & se ausenta da presença de Deos, vive no mundo, como no mundo; quem vive na presença de Deos, & peregrina no proprio corpo, vive no mundo como no Ceo: Abrahão foi mandado sair da sua cognação, porque assi viviria fóra da terra: fação os Princepes, fação os aulicos Ceo ao Paço, & logo vivirão no Paço como no Ceo: & rasão he, que elle o seja, pois nelle assiste o Principe da terra que substitue o Principe da gloria: justo he, que os aulicos sejam Anjos, que cerquem o Trono do Principe que substitue a Deus na terra; o Principe que não faz, que o Paço seja hum Ceo, não imita a Deus, cujo poder substitue; os aulicos, que não são como os Anjos, não seguem os domesticos de Deus, cuja assistencia imitaõ: ponhão os Princepes na mão de Deus o seu coração, & logo serão Princepes segundo o coração de Deus; pois por elle reinão, devem reinar como elle: se tem as suas veses, hão de seguir os seus dictames; para os aulicos se assemelharem aos Anjos, não se hão de assem. har aos politicos; porque os politicos valem se de Deus por pretexto, & cõ qualquer pretexto se esquecẽ de Deus; se Deus favorece a rasão de estado, porque he rasão, valem se de Deus:

Deos:

Deos : se Deos impede a ração de estado , porquẽ não he ração, não se lembraõ de Deos : & o Paço, em que Deos he só pretexto , & em que com qualquer pretexto se deixa a Deos, não pôde ser Ceo : mas que difficulosa cousa he , ainda que o Principe procure fazer o Paço hum Ceo, que não seja hum Inferno? como pôde deixar de ser politico Inferno o lugar em que reina a emulação civil? se a emulação he tão dura como o Inferno , como pôde deixar de ser Inferno o lugar da emulação : desta culpa commua dos Paços tem mais culpa os aulicos , que os Princeses: algũas vezes procuraõ estes imitar a Deos, mas não procuraõ aquelles imitar aos Anjos : Ceofasia o Patriarcha Iacob a sua casa, mas seus filhos a procuravãõ fazer Inferno: bastou hũa tunica mais vistosamente tecida; bastou hũa exaltação mais felicemente sonhada , para que os irmãos de Iosepho procurassem matar , & o chegassem a vender: o pòr Deos os olhos no sacrificio de Abel , bastou para que Abel perdesse os alentos às mãos de Caim: imitem pois os Princeses a Deos; imitem os aulicos aos Anjos, serà o Paço Paraiso de concordia , & não Inferno de confusão.

Se a caso ElRei se dava por mal servido de algũs Vassallos, ou algũs estavam queixosos d' ElRei, a mediação da Princesa fazia que as queixas se tornassem em agradecimentos, & os desser-

viços se tivessem só por descuidos, com o que entre ElRei, & os Vassallos havia tal benevolencia, que elle os tinha por filhos, & elles o estimavão por pae; desta sorte fazia que ElRei fosse o que devia ser, & elles o que era rãsaõ que fossem: Rei que não he pae de seus Vassallos, degenera de Rei: Vassallos que não amão a seu Rei como a pae, degeneraõ de Vassallos.

Com estas obras de virtude edificava a Princesa o Reino, & nesta virtuosa edificação fabricava a universal benevolencia: como o amor activo he a maior negociaçaõ do passivo, não sendo infalivel o seguirse ao beneficio a ingratiãõ, amando a todos com universal charidade, todos a amavão com agradecido affecto: quando os Vassallos a veneravaõ com aquella benevolencia que se tem ás pessoas Reais, & às reais virtudes, ElRei a amava com aquelle extremo, cõ que se amaõ os filhos, em que sobre os filiaes affectos concorrem as reais excellencias; assi impetivava tudo o que lhe pedia; como ella usava justamente desta indulgencia, successivamente conseguia a sua graça; com o que intercedendo ella, & concedendo elle, sem que a intercessãõ fosse indigno patrocínio dos crimes, nem a concessãõ prejudicial distribuiçaõ dos premios; dos perdoes, & das

das merces resultavão a ambos grandes glorias.

Se o perdão he incentivo do peccado, melhor he o castigo que o perdão; se a clemencia encontrar a justiça, será hũa virtude inimiga da outra, & logo deixará de o ser a q̄ encontrar a que o for: a clemencia não ha de saber fóra dos termos da justiça, a justiça ha de estar dẽtro dos termos da clemencia: o damno justo de algũs he commun beneficio de todos: mais cruel he o que perdoa ao criminoso, que o que o castiga; porque o que perdoa será piedoso com hum só homem, a quem remitte a pena da culpa, mas he impio com todos os mais, a quem tira o medo da pena: mais benigno he o que castiga ao delinquente, que o que por elle intercede; porque o que castiga será severo para com hum só homem, a quem não releva do castigo do crime; porẽm he benigno com todos os mais a quem contém com o temor do castigo: quem delinquir, base de castigar: porque Rubem violou o Thalamo de Iacob foi dada a primogenitura a Ioseph: hum veltar de olhos da molher de Lot contra o preceito de Deos, a converteu de molher em estatua de sal: o furto de hũa panta contra o mesmo preceito, se castigou em vinte mil vidas: a incontinnencia de Cosbi se purificou com trinta & seis mil mortes: como os homẽs temem a pena, & não a culpa, he necessario que da culpa os abstenha a pena: menor foi a de Caim que a de Lamec; porque o primeiro cometeu o peccado,

sem

sem saber que havia castigo, o segundo não bastou saber que havia castigo, para se abster do peccado: se os criminosos não tiverão protectores, havião de ser mais os innocentes: se os indignos não tiverão intercessores, havião de ser mais os benemeritos: assi como senão devem perdoar, nem interceder pelos delitos puniveis, senão devem dar, nem interceder pelos premios não merecidos; quem intercede, ou dáos premios, a quem os não merece, dá a Datão o que se deve a Caleb; he impossivel não se tirar ao benemerito, o que se dà ao indigno: se os homēs virem que a intercessão, ou graça, basta para a boa fortuna, procurarão só, ou a graça, ou a intercessão, & farsehaõ os vicios cõ o q se deviãõ premiar as virtudes; ninguem tem por mau praticamente, o que não fas mal; ñninguem tem praticamente por bom, o que não fas bem; se os homēs virem que o vicio leva o premio da virtude, & que a virtude tem o tratamento do vicio, haõ de ter o vicio por bom, porque he util, haõ de ter a virtude por mà, porque he inutil; sem que baste para que sigão esta, porque na especulaçãõ he boa, & fugãõ áquelle, porque na especulaçãõ he mau: poucos seguirãõ a virtude per si mesma, & todos devem procurar que a sigão todos: esta doutrina de não perdoar aos criminosos, nem favorecer os indignos, parece que ensina, que os Princeses sejãõ crueis, & que não sejãõ liberaes; mas só persuade que sejãõ justos, & clementes, & que não sejãõ prodigos, nem avaros: quem quer pór o mundo no equi-

rêm he, a que mais lhe compete; quem domina sò com o
 poder, domina os corpos; quem domina com a liberalida-
 de, domina os coraçõs; E quem não domina os coraçõs,
 não importa que domine os corpos; quem disse Princepe,
 disse hum Alexandre; se os dias em que deixão de exe-
 cutar justiça, são dias que se mallogrão; os dias em que
 deixão de fazer merces, são dias que se perdem; assi o
 sentia Tito, E por isso era dilicia do povo Romano; não
 pôde deixar de ser dilicia do seu povo o Princepe de li-
 beral condiçãõ: ração he porém que esta virtude não de-
 genere em vicio; porque não ha maior infelicidade que
 preverter em vicio a virtude; fazer do optimo pessimo, he
 ser chimico da maior perversidade; não passe a liberali-
 dade a profusão, não retroceda a temperança á avaresa;
 base de dar o que he ração que se dê; o que não he ração
 que se dê, não se ha de dar: deu Christo Senhor nosso as
 chaves a S. Pedro, porque era ração que lhas desse: por-
 que não era ração que lhas desse, negou as cadeiras aos
 filhos de Zebeden: se o Princepe der o que não he ração
 que dê, será prodigo, se não der o que he ração que dê, se-
 rá avarento; se der o que deve dar, E não dar o que não
 deve dar, será liberal; se der tudo, exhaurirá o erario; se
 não der nada, inutilizará o poder; se der o que deve dar,
 utilizará o poder, sem defraudar o erario: mas quem dará
 regra á liberalidade do Princepe, para que ella satisfaça
 á ambiçãõ dos homẽs, se elles se não satisfazem com o que

lhes dão, em quanto lhes não dão o que querem; se a dadiua não he da medida da ambição, não basta que seja da medida do poder; o que he dilicia dos parcos, he escandalo dos ambiciosos: Galba foi escandalo dos ambiciosos; Nero dos parcos: se se der aos ambiciosos o que elles querem, não se dará aos benemeritos o que elles merecem: mas satisfaca-se o merecimento dos benemeritos, ainda que se queixe a immoderação dos ambiciosos; a queixa da immoderação he só calumnia, que não ouve Deos; a queixa do merecimento he clamor que Deos ouve; e não se de desprezar as calumnias que Deos não castiga, só se haõ de advertir os clamores a que Deos attende: de forte se excedeo a ambição humana, que se não dão os homẽs por contentes se o Principe dando a cada hum o que lhe deve, dá a alguem mais do que merece: entendem que para elles he injustiça o que para outrem foi graça; sendo que o que he graça, não serve de exemplo para a justiça: não se queixava Rubem de Ioseph lhe dar hũa stola, dando cinco a Benjamin; a quem se dá o que se deve, não tem justiça para pedir mais, porque se deu a outrem mais do que merecia; ninguem tem justiça para conseguir o que he graça: injustamente pedirão os trabalhadores do Evangelho ao Pae de familias maior stipendio depois que virão que elles lhes igualara outros por favor. Como podem satisfazer os Principes aos homẽs, se hũs tem por injuria o que he favor dos outros; ainda que os

quei-

queixosos não têmão justa causa de sentimento, tem occasionado pretextos para a queixa; assi prudentemente haõ os Príncipes de advertir em não distribuir desigualmente; as merces haõse de distribuir, não se haõ de amontoar; não he liberalidade o que se dá sem prudencia; o que sem modo, e ponderação se despende, he profusão, ou jaçtancia; não haõ de dar a quem não merece, a quem merece, he que haõ de dar; não haõ de dar pouco a quem merece muito; não haõ de dar muito a quem merece pouco; se derem a quem não merece, ha de ficar hum exemplo para o indigno; se não derem a quem merece, ha de ficar queixoso o benemerito; se der pouco a quem merece muito, ficarã devendo a remuneração ao merecimẽto; se der muito a quem havia de dar pouco, serã injusta a distribuição do premio; e os Príncipes não haõ de dar exemplo para a ambição dos indignos, nem justa occasião de queixa aos benemeritos; nem haõ de ser devedores do merecimento, nem prodigos do galardão: quem dá ao digno, dá a todos; quem dá ao indigno, a nenhum; quem dá ao digno, alimenta as virtudes; quem dá ao indigno, alimenta os vicios; hum bom premiado fas muitos bõs; hum mau premiado fas muitos maos; quem dá aos bõs, fas lhe bem, porque lhe dà com que exercitar a benevolencia; quem dá aos maos, fas lhe mal, porque lhe dà com que executem a maldade; quem dá aos dignos, fas agradecidos; quem aos indignos, fas ingratos; não póde ser ingrato o benemerito;

não póde deixar de ser ingrato o indigno; quem sabe merecer, sabe agradecer; quem não sabe merecer, não sabe agradecer: se se der igualmente aos dignos, & aos indignos, ou mais aos indignos, que aos dignos, hão de ter estes por injuria a igualdade, ou excessão daquelles; & não se deve injuriar a hūs, por agradar a outros.

Neste tempo tendo a Princeza dezoito annos resolveo ElRei Dom Affonso quinto seu pae, para maior louvor do nome de Deos, & mais gloriosa exaltação de nossa Santa Fé catholica, passar com hum poderoso exercito às partes de Africa, para o que pedio a Bulla da Santa Crusada ao Summo Pontifice, & conhecendo elle o catholico intento de ElRei, lha concedeo com piedosa benevolencia; tanto que foi publicada, concorreraõ do Reino todo á Cidade de Lisboa aquelles que se quiserão alistar para a santa Cõquista, a quem o Arcebispo, que então era Commissario geral, dava hũa Crus, que punhão no peito, ou no ombro; & ElRei, & o Principe seu filho com toda a Corte foraõ á Sé, aonde a tomação com piedade devota, & a empresa se proseguio com zelosa actividade.

Tanta estimação fazia ElRei da Princeza, tanta confiança de sua prudencia, que a deixou por

governadora do Reino, dandolhe por adjunto Diogo Soares de Albergaria, Aio do Principe Dom João, em cuja pessoa concorrião todas as qualidades decorosas, & outras partes convenientes para hũa, & outra função; nem o decoro, sem a sufficiencia, nem a sufficiencia sem o decoro bastaõ para as grandes occupaões, para hum sujeito ser digno das grandes occupaões ha de ser composto de muitas partes.

Tanto que a Princesa soube que ElRei, & o Principe se preveniaõ para a jornada, como naquelle tempo, não só com o sentimento da morte, mas com qualquer occasiaõ de sentimento, se vestia luto, por se livrar das galas que aborrecia deixou de trafer os vestidos que costumava, & tomando por pretexto a ausencia, se vestio de negro, & se toucou sem galantaria, por fazer estas gentilezas com Deos, fazia consigo estes desprecios.

Partido ElRei, ficou a Princesa com grande saudade: porèm nunca este internecido affecto a divertio do Regimen publico, antes applicandose à occupaõ em que ficara, em tudo satisfes a expectaçaõ que della se tinha, em quanto durou a Conquista socorria com oraçoõs aos que pelejavão com as armas, de sorte que a piedade attribuio

as

as victorias, mais ás deprecaçoës que ás façanhas; as dos Portuguezes foraõ sempre taõ maravilhozas que nunca deixarão de parecer milagres.

Passando ElRei a Affrica, conquistou Tange-re, & senhoreou Arzilla, com o que fazendo em armas ditoso o proprio nome, cõseguiu o glorioso renome de Affricano: trouxerão à Princeza estas noyas, estando, como costumava, no seu oratorio; & assi como the então pedia a Deos com oraçoës o successo, com louvores lhe agradeceo a victoria; como de nenhũa cousa tinha maior desejo que de entrar na Religião, sempre andava pedindo a Deos lhe desse meio para o conseguir; & o Senhor, que aos bõs desejos sempre consegue fellices fins, naõ faltou a este intento santo com occasiã oportuna.

Sabendo a Princeza que ElRei, & o Principe eraõ chegados, pareceulhe que aquella era a fa-ção em que podião tomar porto seus desejos; & resolvendose em festejar com todo o aparato o triumpho, detreminou tambem obrigar a ElRei a que como Jepte fuisse della sacrificio.

Como tinha distribuido todos os vestidos de gala, & se achava sem mais que os que trasia de luto, mandou buscar com que se vestir de festa em demonstraçõ de alegria, & naõ se achando

na-

DA PRINCESA D. JOANNA. III

naquella occasião tellas na Corte, se vestio de velludo verde, significando na cor do vestido a esperança do animo.

Depois de orar a Deos que propiciaffe seus intentos, cobriu os cilicios de seda, & as tunicas de faco com reais vestiduras, adornouse com preciosas joias, & com este aparato da galhardia, que era dissimulaçãõ da penitencia; & sobre tudo cõ a sua natural graça, & admiravel fermosura, que parece se estremaraõ naquella hora, para augmẽtarem por sua acçãõ, á eloquencia, efficacia ao rogo sahiu a receber os vencedores, & depois de abraçar humildemente a ElRei pelos pés, & lhe bejar reverentemente as mãos lhe disse.

Rasaõ he Senhor, que os grandes Reis, conseguida algũa empresa insigne, agradeção a Deos a victoria com a melhor offerta de seu animo, & que igualmente fação merces aos que em honra do triũpho buscãõ a occasião da magnificencia, ardua foi a empresa que Vossa Alteza cometeu, gloriosa a victoria que conseguiu, obrigado esta como Princepe taõ pio, & taõ catholico a agradecer a Deos taõ insigne conquista, vencimẽto taõ heroico, & a não negar as merces a quẽ opportunamente lhas pede; & pois a offerta que se fas deve ter algũa proporção com o beneficio
que

que se recebe, seja hũa filha a offerta de taõ finalado beneficio, dedicãdome Vossa Alteza a Deos em hum Convento: & eu sou a mesma que justamente peço a Vossa Alteza, que fazendo de mim este sacrificio, me faça esta merce; & da piedade de Vossa Alteza para com Deos, do amor que sempre usou para comigo, espero pague a Deos o que lhe deve, & me conceda o que lhe rogo.

Suspensos, & atonitos ficarão os circunstantes, vendo a fermosura, & ouvindo a petição da Princeza, & logo se lhes vio no rosto com a admiração o descontentamento, ainda que lhes pareceo digna de se offerecer a Deos, entenderão que não devia renunciar o mundo, porque implicavão as conveniencias politicas com as determinações piedosas, & sem ser Religiosa podia ser Santa; verdade he que a santidade se não vincula a hum sò estado, mas tambem he certo que para ella he melhor o da Religião, que o do seculô.

Estas razoões embarçarão a resolução de El-Rei, & o amor que o persuadia lhe concedese, o instigava que negasse a Princeza o que lhe pedia; mas como o que mais ama, he o que menos resiste, veio a vontade a condecender com a petição; não pode o amor de pae negar o que pedia o amor da filha, & lançandolhe com lagrimas de

ternura os braços ao pescoço, & lhe concedeu a licença que lhe desejava negar, sendo officiosa permissão, o que era vontade involuntaria.

Como os Senhores que acompanhavão a El-Rei não esperavão que concedesse aquella licença á Princesa, to-los a reclamação, protestando que a não consentião, porque os Princepes de que dependia a Coroa, não podiaõ dispor de si, em damno do Reino: porèm a Princesa chea de celestial contentamento, com desprezo da ração de estado, inclinada de novo beijou exteriormente a mão a El-Rei, em penhor da merce que lhe fazia, & interiormente deu graças a Deos do favor que d'elle alcançava: porque se mal logra tudo, o que a Deos se não agradece, segurava no agradecimento o logro.

Como a Princesa era tão prudente, não quis perturbar os aplausos de aquella victoria, com as magoas da sua ausencia: passados porèm algũs meses, offerecendo-lhe hum dia occasião de falar a El-Rei, lhe lembrou a licença que lhe dera, & a merce que ella aceitara, ouvio elle com susto o que a Princesa lhe pedio com alegria, & replicou ao que tinha concedido, como se o ouvera negado, dandolhe aquellas mesmas rasoões para se não recolher, que ella lhe havia dado para

deleita, tem o Mundo que os afflige, & não buscão á Deos que he só o que consola: os que padecem por Deos tem mais com que se consolar, do que com que se affligir, porque ainda que tẽhãõ todo o Mundo para a sua afflicção, tem para sua consolação a Deos todo: tão impossivel he acender o fogo na agoa, como compungirse o coração na alegria; se as felicidades são origẽs das culpas, & as calamidades das compunções, melhor nos estãõ os infortunios que as felicidades; se estas nos corrompem, & aquelles nos emmendãõ, mais devemos ás q nos emmendãõ, que ás que nos corrompem: de melhor condição ficou o pobre Lasaro que o Avarento rico, porque a pobreza meteo áquelle no Ceio de Abrahão, a riqueza subverteo a este no centro do Inferno: os amigos de Deos mais vezes estãõ em Golgotha que no Thabor; porẽm bebendo o Calix chegãõ a saciar-se de glória; quem não exercita a paciencia quebra a sua Crus; quem desfalece na tribulação, despedaça a Cithara; pisa felicemente as brasas, quem sofre constantemente as penas; quer Deos que caminhemos pelos espinhos para colhermos as flores; quer que subamos ao solio de ouro pelos degraos de ferro; a tribulação he escada por onde se sobe ao Ceo: reclinado sobre hũa pedra dura vio Iacob a escada que da terra sobia ao alto firmamento; cada afflicção que sofremos com paciencia, he mais hum degrao que sobimos para a gloria; & não sãõ degraos por onde se sobe, são portas por onde se entra; não ha consa
tão

tão felice como hum justo infelice; não ha cousa tão infelice como hum injusto felice; como peccador felice está Deos irado, com o justo infelice está Deos benevolo: por isso Abel foi morto, Noe despresado, tentado Abrahão, Iacob afflicto, vendido Ioseph, empenhado Benjamim, David perseguido, Isaias serrado, Tobias cego, Ezechiel captivo, Daniel condemnado ao lago dos leões, Iob açoutado pelos demonios, Abdenago metido na fornalha de Babylonia: nestas angustias passarão a vida, & por estas angustias passarão á bemaventurança; he emfim a tribulação Crus dos justos, & dos peccadores, com esta differença, que os peccadores atribulados são crucifixos na Crus de Dimas, os justos affligidos são crucifixos na Crus de Christo; não se lastimem pois os justos de se verem affligidos, agradeção os peccadores verem se atribulados, porque a estes se purifica a culpa, áquelles se acrescenta a gloria.

Ultimamente sentindo a commoção do Reino, a pena de ElRei, a indignação do Princepe, a ausencia da thia, o sobrefalto das religiosas, ainda que não fes algum abalo a sua constancia, sentio a sua natureza hũa grande oppressão; foraõ muitas tantas penas para hum fogeito tão debelitado, supposto que o spirito estava prompto, a humanidade se sentio enferma: poucos dias depois de o Princepe a deixar escandalosamente agrayada,

estava gravissimamente doente; os pesares que se havião oprimido no coração, rebentarão em postemas pelo corpo, a que se seguiu hũa febre ardente que depois passou a continua, & descobrindo-se outros males complicados, resolverão os Medicos, que se se não abstivesse das abstinencias, se não deixasse de comer peixe, se não tornasse a vestir linho, se não melhorasse o proprio tratamento, estava em evidente perigo de padecer hũa enfermidade incuravel.

Procurando os divinos auxilios, & valendo-se de todos os meios humanos, recorrerão as Religiosas a Deos com orações, & penitencias; & como elle ouve piedosamente a quem devotamente o roga, fârou a Princeza tanto contra os prognosticos da medicina, que pareceo que não fora a cura humana: cobrando porèm saúde ficou com tal fraqueza, que duvidando-se o corpo em que se sustentava o alento, se imaginou que o espirito era o q̄ sustentava o corpo: sentia a Princeza ver-se naquelle estado, porque lhe impedia o em que tanto solicitara ver-se: era acabado o anno do noviciado, & desejava fazer profissão, porèm a necessidade de se tratar como doente lhe contradizia o ser Religiosa, & entre o desejo de professar, & o escrupulo de o fazer padecia a maior angustia.

gustia, não sabendo que sahida daria ao aperto em que via o coração, entre seu intento, & a sua impossibilidade, posta como Susana entre as angustias não sabia eleger como Susana.

Valendose El Rei deste accidente, mandou a algũs Prelados que lhe persuadissem não fizesse profissãõ; obedeceraõ elles com sancto zelo, intimandolhe que pois temerariamente arriscava a vida, manifestamente encarregava a consciencia; como a Princesa era taõ prudente, vendose indecisa em materia taõ relevante, não quis fiar de si resolução taõ consideravel; & chamando o Padre Frei Antão de Sancta Maria Vigairo geral da Observancia, de cujas grandes virtudes fasem notaveis memorias as scripturas de aquelles tempos, como a Varaõ que estimava por veneravel lhe deu conta das preplexidades de sua alma, & lhe pediu que as consultasse com outros Religiosos de prudente virtude, animo livre, & religiosa doctrina, sem que o entenderem o que desejava, bastasse para lhe diserem o que queria; porque consultava o juizo livre, & não pretendia a approvaçãõ lisongeira: os Princepes que disem o q̃ desejão, determinãõ, & não consultãõ.

Só Deos não necessita de conselho, o Principe necessita

sita

fita delle mais que qualquer outro homem: Salamão para
 ser insigne Rei escolheu sciencia infusa, observava a to-
 dos os Sabios, de todos aprendia: Micheas vio a Deos
 aconselhando-se com os Anjos: não he adherente do maior
 poder o maior entendimento; necessita do maior entendi-
 mento o maior poder; se a sabedoria he o Principado da
 fortuna, dominará a fortuna quem reinar com sabedoria:
 base de instruir o juizo para se segurar a felicidade; hũa
 cabeça coroada ha mister hum coroado entendimento; nin-
 guem se deve fiar só dos seus dictames para ordenar as
 suas acções, entendimento tinha David, & pedia a Deos
 que lhe desse entendimento: a nenhum Principe lhe basta
 o proprio, são-lhe necessarios os alheos: he insensato quem
 não faz do entendimento alheo a propria providencia; a si
 se prejudica quem se não aproveita de outrem; com Deos
 fallava Moyses, & ainda assi se aconselhava com Ietro;
 Saul foi bom em quanto se aconselhou com Samuel; Ioas
 governou bem em quanto governou com Ioaida; acertou
 Urias porque seguiu a Racaad: experimentado ficará o
 conselho do Principe inexperto aconselhando-se com o Va-
 rão experimentado; serio será o entendimento do Prince-
 pe moço consultando ao Varão serio: errou Reboão porque
 seguiu os moços; perdeuse Amasias porque se não conse-
 lhou com o Propheta; não houve Principe grande que não
 tivesse conselheiro sabio; David teve Natão; Oseas Za-
 charias; Ezechias Isayas; Iosias Jeremias: o pedir conse-
 lho

Isto não he inferioridade do juizo, he sublimidade da sciencia; o melhor saber, he saber aconselhar : se se não tem por defeito da sabedoria o pedir tributos; porque se ha de ter por falta da Magestade o pedir conselhos; a petição daquelles pôde ser injuria, o rogo destes, sempre he rasão; os conselhos podem fazer que se não lancem tributo, os tributos não podem fazer que se não necessite de conselhos; estes fazem thesouro da sabedoria, aquelles fazem erario da riqueza; E esta a respeito daquella he barro em comparação do ouro; a riqueza successivamente consume; a sabedoria perennemente cresce; aquella extingue-se com o uso, esta com o uso se augmenta; peção pois os Princepes os conselhos pois pedem os tributos; porém ainda que consultem, não he obrigação que sigão; se o Principe que pediu o conselho se obrigar ao seguir, logo que fas o rogo perde a Magestade, E transfere o real juizo no arbitrio alheo, devendo somente o juizo alheo expor-se ao real arbitrio; os Princepes hão de ouvir para ponderar, hão de ponderar para eger, E ficando a eleição em seu arbitrio, fica em seu ser a Magestade; se a Magestade com pedir o conselho ouvesse de perder o juizo, seria o consultar hum genero de enlouquecer: se os Princepes se cuvessem de sogear totalmente aos conselheiros, reinarião os conselheiros, E servirião os Princepes; se estes estiverão obrigados a seguirem os Tribunaes serião os Tribunaes seus tyrannos: hum politico disse, que hum parlamento se erigira pa-

ra que os Reis não fossem tyranos dos Vassallos; & com isso se fiserão os Vassallos tyranos dos Reis: digão os Tribunaes aos Princeses o que entendem, não o que querem; aconselhem, não pela vontade, mas pelo entendimento; sigão os Princeses, não o que querem, mas o que entendem; deliberem pelo entendimento, não pela vontade; quem aconselha o que quer, não o que entende, não aconselha, engana; quem manda, não o que entende, mas o que quer, não impèra tyranisa: daquelle sorte devè ser os Princeses q̄ imperão; daquelle os Vassallos q̄ acõselhãõ; para q̄ os cõselheiros sejam estes, devem ter authorisada graduacão, segredo incorruptivel, officiosa modestia, virtuosa constancia, reverente liberdade, sabia experiencia, deliberacão sincera, verdade pura, generosidade desentereçada; se a graduacão não for authorisada, não será veneravel a sentença; se o segredo se fiser publicidade será desanimado o conselho; se a modestia for encolhimento, não será sufficiente o voto; se a constancia não for virtude, será prejudicial a obstinacão; se a liberdade não for reverente, será indecoroso improprio; se a experiencia não for sabia, será experimentada inutilidade; se a deliberacão não for sincera, será a ambiguidade cavilosa; se não for generoso o desentereesse, será venal o arbitrio; finalmente o conselheiro ha de seguir a fortuna do Principe que o consulta; porque quem não houver de seguir a sua fortuna, não o pòde aconselhar com boa fê; & os Princeses não hão de retra-

tar

tar com os adutores os negocios que tratarão com os sabios; mas primeiro que tudo para se acertar, se deve consultar a Deos; porque só o que com Deos se consulta, se acerta.

Teve ElRei noticia que se fazia esta Junta, & porque se fizesse com maior authoridade quis assistir na Conferencia; acharaõse nella com o Vigairo geral os mais doctos Varoẽs da Provincia da Observancia, & da Religião Dominica; & sem discrepancia resolverão que pois a Princefa tinha tão debil compleiçãõ, & se achava tão enfraquecida da doença, que era impossivel satisfazer aos encargos da Religião, sem evidente perigo da vida, em consciencia estava obrigada a não professar, & que o Vigairo geral lhe fosse dar cõta de que esta era a resolução que se tomara com uniformidade, & ella não podia deixar de seguir sem scrupulo: ouviu a Princefa a este desengano com hũa humilde resignaçãõ, & hũa alma atribulada, que obedecendo á rafaõ alhea sentia frustrar selhe o proprio intento; & logo com submissões, & lagrymas protestou que, ainda que não fazia profissãõ, pois não podia ser Religiosa ficaria recolhida, & assi se conheceria que suas determinações não foraõ levemente tomadas, pois só

eraõ superiormente desuadidas.

Em testemunho de que desistia da pertendida profissaõ chamou a Priorisa ao seu oratorio, & em sua presença despio o habito com muitas lagrymas; as que chorou de alvoroço quando o tomou, chorou de saudade quando o despio, sendo hũas, & outras sacrificios do coração, ou enternecido do gosto, ou quebrado de dor; dobrouo depois de o despir, & beijandoo, o pos sobre o altar sentindo como a morte despiremlhe o habito; rafaõ tinha para não despir a mortalha a que se reputava por morta.

Despido o habito se cobriu com hũa mantilha, & se mostrou pelo Convento; passadas aquellas horas que lhe pareceraõ sufficientes para cõstar que sem intentos de Religiosa, estava nos termos de secular, tornou ao oratorio acompanhada de toda a Comunidade, & em sua presença ratificou a promessa que havia feito quando despio o habito, & tomandoo nas mãos, pondoo nos olhos o abraçou, & o vestio com tanta ternura, & alvoroço, como se o recebera, ou professara, & cheia de devoção lhe disse.

Bem conhecia eu [habito santo] que não merecia traservos, nem por vestido, quanto mais por profissaõ; a minha doença foi causa de que vos des-

des-

meses de doente, repetindo para thifica, agonisava; porque esgotada de sangue estava exhausta a fonte da vida; nestes termos, que quasi erã os da morte, a cingio hũa amiga sua com hum ourello das alfaias da Sancta, & tanto que a cingio, sarou; o que o ourello obrou nesta Religiosa, obrou hũa correia em outra molher; se aquella livrou de hũa grave doença, esta do artigo da morte.

Sonhou hum doente da Ilha da Madeira, que com hũa reliquia da Sancta cobraria saude, como o sonho era de Deos, teveo por inspiração, & fendolhe com toda a decencia levada a reliquia, que pedio com tanta fé, cobrou saude perfeita.

Estando a Madre Soror Dona Hyeronima de Castro muito enferma, & padecendo de outo em outo dias hũa efimera regular, só com se encomendar á Sancta, cobrou saude; querendo agradecer este beneficio, não achou em que mostrar o agradecimento, se não com lhe cobrir a sepultura com hum pano novo de seda de cor, em lugar do antigo, q̄ era de laã, & negro, sendo que havia noventa annos que este se tinha ali posto: quando o mudaraõ, estava taõ inteiro, que pareceo, que sem passar quasi hum seculo por elle, o puseraõ em
aque-

aquella hora, admirouse a inteireza, julgandose misteriosa, & que a pureza do corpo communicara incorruptibilidade ao pano, dandose nelle a entender, que podião as Religiosas esperar grandes beneficios daquelle Cadaver, porque se era taõ agradecido a quem lhe cobria a Eça, que feria a quem lhe dera a sepultura? & que se preservava da corrupção aos corpos insensiveis, confervia as virtudes nas almas immortaes.

Com estes, & outros muitos milagres acreditou Deos esta Sancta Princeza; & não escrevemos os mais, porque, ainda que sabemos que os houve, não pode conseguir a nossa diligencia que chegassem à nossa noticia, mas não diminue esta ignorancia a tua sanctidade; porque não se escrevem todos os milagres dos Sanctos, não he causa para elles serem defraudados nas perrogativas; bastarão algũs que se escreverão para credito do que elles obraraõ, & do que Deos obrou por elles.

Quanto se enganão os mortaes em procurar outra gloria mais que a de Deos; a gloria que dá Deos, dura com Deos; a gloria que dá o Mundo, quando mais persiste, nem com o Mundo dura; esta tem fim, & tem principio; aquella tem principio, & não tem fim; com o que a gloria de

Mm

Deos

Deos he immortal, a do Mundo caduca; dos que não fo-
 rão sanctos são as memorias perdidas; dos que forão san-
 ctos eternas; dos que não são sanctos perde se a memoria
 com o som; dos que forão sanctos conserve se o louvor com a
 eternidade; a gloria dos grandes homẽs dura nas voses
 da fama; a fama dos Varoẽs sanctos dura nas voses da
 gloria; os mais famosos homẽs do Mundo estarão no In-
 ferno eternamente infames; os Sanctos que do Mundo
 forão os mais humildes homẽs, vivirão no Ceo illustremen-
 te e famosos: insigne homem foi no Mundo Alexandre, que
 não cabia em todo o Mundo; mas muito mais incompara-
 velmente insigne foi no Mundo S. Francisco, a quem so-
 bejou o Mundo todo: as proesas heroicas podem servir
 para a vangloria, porque toda a gloria temporal he vã;
 as façanhas sanctas servem para a verdadeira gloria,
 porque só a Celestial he verdadeira: aos grandes serviços
 do valor faltão ás vezes os premios na terra; ás grandes
 obras da virtude nunca faltão os premios na gloria; E
 não são incompativeis as proesas heroicas, com as proesas
 sanctas: devem porẽm preceder estas áquellas; E quem
 unir hũa a outras, sendo heroicamente sancto, E sancta-
 mente heroico, logrará hũa, E outra fama; porque entre
 as veneraçõs da virtude não se esquecem as memorias
 da heroicidade: não lembrarão tanto as façanhas de Da-
 vid, se as suas virtudes lhe não avivaraõ as memorias:
 não lembrarão tanto as proesas de Abrahão, se a sua fê
 lhe

lhe

*lhe não levantara monumentos: & se são incomparaveis a
grandesa do Mundo, & a grandesa da gloria, como ha
quem troque esta por aquella? alem de que a sanctidade
da vida não tira a gloria do Mundo: que maior gloria,
que a da sanctidade? que maior maravilha, que obrar ma-
ravelhas? que triumpho se póde comparar com a Canonisa-
ção? que titulo se póde conseguir como o nome de san-
cto? que grandesa póde haver, que se iguale a che-
gar hum mortal a ser venerado como divino?*

LAUS DEO.



240

